

A Segurança na Internet – Utilização da Internet como recurso educativo no 1º Ciclo do Ensino Básico

Carina Félix

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Castelo Branco

Henrique Gil

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Castelo Branco

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – CAPP – Universidade de Lisboa

RESUMO

As TIC passam a ser elemento constituinte da aprendizagem e os professores devem proporcionar, a todos os alunos, as mesmas oportunidades e condições a nível de literacia digital, nomeadamente através de novas e diferentes abordagens dos conteúdos. Neste sentido, este projeto teve como principal objetivo averiguar se a Internet é segura para as crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico e quais os procedimentos preventivos mais adequados para melhorar essa segurança.

Para o efeito, foi realizada uma investigação no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada tendo-se envolvido uma turma do 1º Ciclo do Ensino Básico. A investigação foi de carácter qualitativo com um enfoque numa investigação ação. Na investigação, para além dos alunos da turma, foram envolvidos os pais e professores do 1º Ciclo do Ensino Básico, no sentido de se poder averiguar os diferentes pontos de vista acerca da questão relacionada com uma utilização segura da Internet em contexto educativo.

Em termos gerais, pode-se afirmar que os resultados permitiram verificar que ainda há muito a fazer na prevenção para uma utilização segura da Internet. A grande maioria dos participantes, apesar de ter consciência dos perigos que a utilização da Internet poder vir a promover, desconhece as principais ferramentas digitais que permitem uma utilização segura. E, por outro lado, verificou-se também que os pais desconhecem, em larga escala, o tipo de utilização que os seus filhos fazem da Internet.

Palavras-chave: Internet, segurança, 1º Ciclo do Ensino Básico.

ABSTRACT

ICT become a constituent element of learning and teachers should provide to all students the same opportunities and conditions at the level of digital literacy, particularly through new and different approaches of content. Thus, this research aimed to ascertain whether the Internet is safe for children of the 1st cycle of basic education and the most suitable preventive procedures to improve that security.

To this end, an investigation was carried out under the Supervised Teaching Practice having engaged a group of the 1st cycle of basic education. The research was qualitative with a focus on action research. Within this research, in addition to the students in the class were involved parents and teachers of the 1st cycle of basic education, in order to be able to follow the different views on the question regarding safe use of the Internet in an educational context.

Overall, it can be said that the results indicated that there is still much to do in prevention for safe use of the Internet. The vast majority of participants, despite being aware of the dangers that the use of the Internet can come to promote, unaware of the main digital tools that allow safe use. On the other hand, there is also unaware that parents to a large extent, the type of use that their children's Internet.

Keywords: Internet, security, 1st cycle of basic education.

INTRODUÇÃO

Desde que surgiram as tecnologias de informação, houve uma reorganização do modo como as pessoas vivem, comunicam e aprendem. Essas alterações permitiram novos hábitos, novas práticas associadas com as novas gerações (Simões e Gouveia, 2009). Devido à rápida adesão da Internet por parte das crianças, existiu a necessidade de sensibilizar os pais e educadores dos riscos que as crianças correm ao navegarem na Internet. É a partir daqui que surgem os organismos como a e-segurança, departamentos governamentais, institutos de investigação e firmas de software que apresentam toda a informação necessária sobre os perigos que as crianças correm ao navegarem na Internet, bem como soluções que podem mitigar esses mesmos perigos (Whitby, 2012). O objetivo desta investigação é o de contribuir para o conhecimento sobre as potencialidades e os riscos que as crianças estão sujeitas ao navegarem na Internet.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

A Escola Básica Quinta da Granja, onde decorreu esta investigação está inserida no Agrupamento João Roiz. A turma do 2º A da Escola da Granja era formada por 20 alunos (13 do sexo feminino e 7 do sexo masculino).

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

As TIC em contexto educativo

A implementação de estratégias para a introdução do uso das TIC nas escolas em Portugal têm sido discutidas nas últimas duas décadas. É ao longo dos anos 80 e 90 que houve uma progressiva instalação e utilização curricular das TIC, pois esta passou a ser entendida como recurso e como um ambiente de trabalho (Vieira, 2005). As tecnologias devem ser usadas pelos professores e alunos de forma livre e criativa na realização das atividades. Esta perspetiva pode possibilitar ao aluno diferentes aprendizagens devido ao seu maior envolvimento na utilização das TIC. A utilização das TIC, como ferramenta, pode ser utilizada como auxílio para atividades de projeto, investigação, comunicação ou, simplesmente, para uma simples aprendizagem através da utilização de *software* e de programas adequados. Como é afirmado por Ponte (2000), As TIC podem contribuir para a mudança da escola e o seu papel na sociedade, passando esta a ser um lugar de exploração de culturas, de realização de projetos, de investigação e de debate.

As TIC podem ser consideradas em duas vertentes: contexto pessoal e contexto educativo. No que diz respeito ao contexto pessoal, as vantagens dos computadores sentem-se com o ganho de tempo na execução de tarefas e o computador pode vir a possibilitar e facilitar a execução destas tarefas pela troca de saberes e experiências que estas tecnologias proporcionam. No contexto educativo, deve-se referir a interação diferenciada que ocorre entre os professores e alunos quando é utilizado um software específico, pesquisa online (sob a orientação do professor), comunicação por e-mail para retirar dúvidas ou até mesmo no envio de trabalhos de casa (Paiva et al, 2002). No atual contexto, a utilização da Internet tem vindo a ser realizada quer por professores quer por alunos. No entanto, são conhecidos os perigos que a utilização da Internet pode trazer se não forem tidos os cuidados necessários.

As crianças e a Internet

Presentemente, a Internet é uma presença inevitável na vida das crianças, estas fazem parte da sociedade da informação. Este meio de comunicação depressa se afirmou como um sistema de enorme complexidade técnica e social, fazendo parte deste universo recente milhões de redes e computadores (Candeias (2008). Neste universo de redes e computadores fazem parte os nativos digitais que utilizam cada vez mais a Internet. No que respeita a dados mundiais, os nativos digitais são já cerca de 56%, o que equivale a 648 milhões da população. Os professores são mais conhecidos por “imigrantes digitais”. Esta tipologia, proposta por Prensky (2001), foi dada aos professores, devido ao facto dos mesmos não terem nascido no mundo da «Era Digital», ao contrário dos nativos digitais, que “respiram” a tecnologia desde tenra idade. Do mesmo modo, Candeias (2008) refere que atualmente é um facto que o número de crianças e adolescentes que utilizam o computador e a Internet têm vindo a aumentar freneticamente nos últimos anos. Para as crianças, estar online é uma condição de integração social e, posteriormente, o seu sucesso entre os seus pares. Assim, a televisão ou a rádio foram excluídos pelas crianças sendo a Internet a mais requisitada entre os diferentes meios de comunicação.

Ameaças externas: perigos na Internet

Se o leque de oportunidades é amplo, o mesmo acontece com os perigos. De facto, se há alguns anos o espaço público contemporâneo começou a ser associado a um espaço inseguro e de risco para

as crianças, essa ameaça começa agora a desviar-se para o ciberespaço, como é referenciado por Azevedo (2012): “ (...) um sítio contemporâneo de ansiedade”. Os riscos online a que as crianças estão sujeitas, levantam grandes dilemas aos pais, sobretudo quando as plataformas de acesso à Internet se multiplicam. Para Martins e Pinto (2008), de uma forma geral, os perigos que geram maior preocupação são os que têm uma natureza social, ou seja, são aqueles que têm maior impacto na vida social e emocional das crianças. De acordo com a opinião de Ponte e Vieira (2007), até ao início de 2007, foram identificados e analisados 235 estudos, realizados entre 2000 e 2006, sobre as questões relacionadas com os riscos online. O projeto *EU Kids Online*, refere que Portugal foi um dos países com mais baixa incidência declarada de risco entre os países estudados: apenas 7% das crianças inquiridas referiu ter ficado incomodadas por um ou mais riscos abordados, contra uma média europeia de 12%. Jorge *et al.* (2012), referem que a maioria das crianças afirmaram não terem tido qualquer experiência perturbadora *online*, parecendo sentirem-se confortáveis em atividades na Internet. Na opinião de Livingstone (2003) e Santos e Manteigas (2010), serão agora analisados os vários tipos de riscos online: Phising; Aliciamento; Pornografia infantil; Cyberbullying. De acordo com a informação disponibilizada no site da Internet Segura “phishing” (trocadilho com *fishing*, ou ir à pesca, consiste em utilizar métodos para que o cibernauta revele os seus dados pessoais e confidenciais. O phishing é uma “vigarice” que utiliza *SPAM* ou mensagens de *pop-up* para as pessoas revelarem os seus números pessoais do cartão de crédito, informações bancárias, números de segurança social, passwords ou outro tipo de informação confidencial. O aliciamento, como é definido por Whitby (2012), é uma “(...) conduta de um suspeito de pedofilia que dê a uma pessoa racional motivos de preocupação de qualquer encontro pessoal com uma criança, derivado dessa conduta, se pode destinar a fins ilícitos”. A pornografia Infantil, através da Internet, é uma realidade infelizmente incontornável, tornando-se numa nova modalidade online, que atrai adultos, adolescentes e crianças através de enunciados sobre a pedofilia virtual. Hoje, a pornografia infantil online constitui também uma forma rentável de exploração de crianças e adolescentes, incentivando a prostituição infantil com fotos, DVDs e vídeos, mostrando a nudez de adolescentes em poses de índole sexual e erótica (Santos e Manteigas, 2010). De acordo com o site da Internet Segura, a expressão cyberbullying é uma palavra composta por “cyber” diz respeito ao uso das novas tecnologias de comunicação (correio eletrónico, telemóveis) e o “bullying relativo ao fenómeno dos maus-tratos por parte de “rufião” (bully) ou grupo de rufiões. O cyberbullying, para Santos e Manteigas (2010), verifica-se quando uma criança ou adolescente, que se esconde atrás do anonimato da Internet, provoca, intimida, ameaça, atormenta, importuna ou amedronta outra criança ou adolescente. Em Portugal, o cyberbullying não é considerado um crime, mas as atividades que constituem o cyberbullying permitem que sejam tomadas medidas legais (Whitby, 2012). Os predadores sexuais são normalmente do sexo masculino e de meia-idade e pertencem a todas as classes sociais, normalmente sabem manusear bem as tecnologias de informação e comunicação navegando em fóruns, salas de conversação, *Instant Messaging*, blogues e sítios de relacionamento social. Conhecem bem o calão utilizado na Internet para contactar e desenvolver as suas atividades de predação sexual com menores (Martins e Pinto, 2008). As crianças que se encontram mais vulneráveis às ações dos predadores sexuais são aquelas que têm problemas, estão desinformadas das ações deste tipo de predadores, estão a explorar a sua sexualidade e que tentam afastar-se do controlo dos pais, procurando novos relacionamentos fora do âmbito familiar (Santos e Manteigas, 2010).

Orientações e propostas de segurança

Segundo Santos e Manteigas (2010), muitos pais e educadores por desconhecimento acerca do funcionamento da Internet e pela falta de controlo sobre a mesma, não têm capacidade de supervisionar e acompanhar as suas crianças que utilizam este meio através de tecnologias móveis ou por uma ligação fixa. De acordo com estes autores existem estratégias de mediação adotadas pelos pais relativamente às atividades online dos filhos e que se passam a apresentar: a) Mediação ativa dos usos da Internet em geral: a presença dos pais junto das crianças e jovens, quer seja através da simples proximidade física, quer seja através da partilha das mesmas atividades (co-utilizando o computador); b) Mediação ativa dos usos seguros da Internet: ter em conta a forma como antes, durante e depois, os pais tentam guiar os filhos através do uso seguro da Internet, ajudando-os em caso de dificuldade ou discutindo o que estes devem fazer numa situação de risco; c) Restrição ativa: definir regras explícitas que restrinjam os usos das crianças e jovens que dizem respeito às aplicações (ou tipos de software) particulares; d) Monitorização: os pais devem confirmar “a posteriori” a utilização que os seus filhos fizeram da Internet, consultando para isso o histórico das atividades realizadas; e) Mediação técnica: os pais utilizam software de controlo, para filtrar, restringir ou monitorizar o uso da Internet e problemas relativos à segurança online. Em termos genéricos, e com o estudo re-

alizado por EuKids Online, cerca de 90% dos pais portugueses encontram-se envolvidos em alguma atividade de mediação. Mas a forma mais comum de mediação dos pais é falar com os seus filhos acerca daquilo que estes fazem online (83%). De um modo geral, existem 7 princípios que se podem consultar no site da Microsoft que os pais e educadores devem ter em consideração: 1) Dialogar sobre as TIC, promovendo uma comunicação aberta e positiva; 2) Alertar para os perigos online, para os conteúdos impróprios e para a invasão de privacidade; 3) Ajudar a proteger a identidade criando um nome para utilizarem por exemplo no MSN; 4) Explicar que nem tudo na Internet é correto; 5) Aconselhar a manutenção das regras de etiqueta, ou seja, que as regras de bom comportamento não se alteram só porque a comunicação é feita por computador; 6) Esclarecer sobre os direitos de autor, que fazer cópias ou downloads de músicas, filmes, videojogos é ilegal; 7) Proteger as atividades das crianças utilizando um software de segurança adequado, restrições de acesso que o ajudem a filtrar conteúdos inadequados, a monitorização dos sites que as crianças visitam.

METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO REALIZADA

Esta investigação assenta numa investigação qualitativa do tipo investigação-ação. A investigação-ação caracteriza-se por se tratar de uma metodologia de pesquisa, essencialmente prática e aplicada, que tem como objetivo resolver problemas reais. Nesta investigação o objetivo é analisar se a Internet é segura para crianças do 1º CEB e quais as melhores propostas ou estratégias para melhorar essa segurança, recorrendo à entrevista semiestruturada, à aplicação de questionários e à observação, a fim de se poderem recolher opiniões e dados que possam sustentar a intervenção. A opção de uma investigação-ação pretendeu associar à observação o envolvimento dos atores da escola com as alterações necessárias, através da avaliação e correção constante das opções tomadas. De acordo, com Cohen e Manion (1987), citado por Sousa (2005), a investigação-ação “(...) trata-se de um procedimento *in loco*, visando lidar com um problema concreto localizado num contexto imediato. A questão problema que se pretende investigar é a seguinte: «Será a Internet segura para as crianças do 1º ciclo? Quais os procedimentos preventivos mais adequados para melhorar essa segurança?». Segundo De Ketelle & Roegiers (1993), a recolha de informações pode, desde já, ser definida como “(...) o processo organizado posto em prática para obter informações junto de múltiplas fontes, com o fim de passar de um nível de conhecimento ou de representação de uma dada situação, no quadro de uma ação deliberada cujos objetivos foram claramente definidos e que dá garantias de validades suficientes”. A entrevista semiestruturada foi realizada às quatro professoras titulares da escola, incluindo a professora cooperante. Os inquéritos por questionário foram aplicados aos 20 alunos da turma do 2º A do 1ºCEB de modo a recolher opiniões e informações sobre a utilização da Internet, os seus riscos e perigos. Para finalizar, as notas de campo foram bastante importantes, para registar observações, comentários, atitudes, reações e comportamentos das crianças nas diferentes atividades propostas nas aulas. É também importante referir, que as reflexões realizadas no final da aula juntamente com a professora cooperante e o “par pedagógico” ajudaram tirar as conclusões sobre as atividades propostas.

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

Sessões de implementação

A implementação das quatro sessões de intervenção permitiram retirar algumas conclusões. De uma forma positiva, verificou-se, que a turma em estudo está predisposta e interessada para aprender mais e mais. E no que concerne às TIC, no geral, os alunos mostram muito interesse pelas tecnologias facilitando assim a transmissão de informação. Outro aspeto positivo nestas sessões de intervenção foi a cooperação e o sentido de interajuda que a turma apresentou.

Questionários

No dia da realização dos questionários, estavam presentes todos os alunos da turma, num total de 20. Na turma A do 2º ano, todos os alunos possuem acesso à Internet em casa. Um dado bastante interessante é o facto de que 65% da amostra já conseguir aceder à Internet sozinha. Da turma analisada apenas 40% não possui qualquer conta nas redes sociais. Um dos perigos associados às redes sociais é falar com pessoas que não são nossas conhecidas, dado que essas pessoas podem ser *haquers* ou *pedófilos*. É, portanto, preocupante saber que duas das vinte crianças inquiridas têm amigos virtuais que nunca viram na vida real. Todas as crianças gostaram de utilizar a Internet na sala de aula, o que permite afirmar que a Internet, se bem aproveitada, poderá ser uma ferramenta muito útil para motivar as crianças a adquirirem conhecimento essencial no âmbito das suas aprendizagens. Os dados recolhidos mostram que 94% dos pais sabem que os seus filhos utilizam a Internet em casa. Mais uma vez, pela resposta dos pais, existe uma criança que usa o computador mas que não utiliza a

Internet. Comparando com as respostas das crianças, todas elas afirmaram usar a Internet em casa. Uma vez mais, se verificou não haver coerência entre pais e filhos. Em relação às redes sociais, quatro pais indicam que o seu filho utiliza o Facebook, um menciona que o seu filho utiliza o Youtube e onze afirmam que os seus filhos não utilizam qualquer rede social. Através dos dados recolhidos foi possível averiguar-se acerca do desconhecimento dos pais em relação aos sítios frequentados na Internet pelos filhos é grande. Isto porque dez crianças afirmam ter conta no Facebook e outras crianças tem conta noutras redes sociais e apenas oito crianças dizem não ter qualquer conta numa rede social, dados que não correspondem ao que é afirmado pelos pais. Todos os pais afirmaram que o seu filho não fala com ninguém pela Internet que não conheça pessoalmente. Dado a sensibilidade desta questão, é preocupante confirmar que apesar de duas crianças terem admitido que falam com desconhecidos, nenhum pai está ao corrente de tal situação.

Entrevistas

As professoras concordam que as escolas deveriam estar melhor equipadas para dar respostas aos alunos, no que respeita a material informático. As professoras afirmam que a existência de Internet proporciona aos alunos novas experiências e diferentes aprendizagens. Por outro lado, quando se coloca a questão de implementar as TIC nas metas e no programa do 1º CEB, as professoras acham desnecessário a sua implementação. O argumento associado a esta opinião é o facto de que já existem muitas metas a nível das outras áreas. Neste sentido, estas professoras são da opinião que as TIC correspondem a uma área “à parte”, devendo as mesmas serem promovidas e utilizadas no âmbito das AEC. No entanto, as docentes mostraram preocupação em adquirirem maior conhecimento e formação nesta área, manifestando interesse em frequentar ações de formação que lhes permitam as evoluções numa sociedade informatizada. Como foi referenciado nas entrevistas, as crianças são nativos digitais e, por vezes têm dificuldades em saberem diferenciar o mundo real do mundo virtual, achando que se podem comportar da mesma maneira no mundo real como se comportam no mundo online. De acordo com os riscos mencionados pela especialista foram mais evidenciados: bullying e os predadores sexuais.

CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo, através da realização do questionário às crianças e da elaboração de atividades em contexto sala de aula, permitem concluir que as crianças ainda não possuem um conhecimento suficiente para estarem completamente à vontade para realizarem pesquisas de forma autónoma na Internet. No entanto, as mesmas admitem também que a ajuda da professora é essencial na tarefa online. As ameaças mais conhecidas pelas crianças são: roubo, cyberbullying e crimes. As mais conhecidas pelos pais são: pedofilia e a utilização de dados pessoais por parte de terceiros e crimes. As professoras identificaram como principais ameaças as seguintes: bullying, pedofilia, roubos. Outro objetivo que foi cumprido foi a recolha da opinião das crianças, pais e professores relativamente à segurança da Internet fora e dentro da sala de aula. Pelos dados recolhidos, podemos aferir que os pais não se sentem seguros quando os seus filhos navegam na Internet, ao invés das crianças que afirmam saber que estão seguras, apesar de se sentir que não estão muito conscientes dos reais riscos. Como tal é fundamental existir um acompanhamento de adultos (pais/encarregados de educação e professores) quando as crianças se encontram a navegar na Internet. A implementação de estratégias seguras nas atividades relacionadas com Internet em contexto educativo foi outro objetivo atingido. É crucial informar as crianças acerca dos perigos que correm quando utilizam a Internet. A realização de atividades que envolveram pesquisa online, como acompanhamento da professora ou de um responsável também é um aspeto importante. As crianças ganham confiança e conhecimento para poderem usufruir do potencial da Internet de forma segura. Ao chegar ao nível final deste estudo, concluímos que esta investigação pode ter contribuído para uma melhor tomada de consciência em relação a uma utilização mais segura da Internet. Contudo, sente-se que é necessário fazer mais, envolvendo pais e professores, para que ambos possam ser capazes de ajudar as crianças a utilizar a Internet de uma forma mais segura de forma a que este recurso digital possa promover mais e melhores aprendizagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azevedo, P. (2012). *Cyberbullying no Diário de Notícias*. Seminário III de I&DT. Instituto Politécnico de Portalegre.
- Candeias, C. (2008). *Crianças e a Internet: Na Balança dos riscos e das oportunidades*. Acedido a 20 de abril de 2014, em <http://www2.fesh.unl.pt/eukidsonline/docs/TeseCatiaCandeias.pdf>.
- Coutinho, C. (2006). Utilização de blogues na formação inicial de professores: um estudo exploratório. Panizo et al (Eds.) *Proc. of the Int. Symposium on Computers in Education* (Vol 2, pp. 1-8). Leon: SCE.
- DeKetelle, J.; Roegiers, X. (1993). *Metodologia da Recolha de Dados: Fundamentos dos Métodos de Observações de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Martins, M. e Pinto, P. (2008). *Tecnologias, Ecologias da Comunicação e Contextos Educacionais*. Acedido a 20 de maio de 2014 em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18157/1/Tecnologias%2c%20Ecologias%20da%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20Contextos%20Educacionais.pdf>
- Paiva et al. (2002). *Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação pelos professores Portugueses*. Acedido a 16 de maio de 2014 em <http://lsm.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt200373118546paper-241.pdf>
- Ponte, C e Vieira, N. (2007). *Promoção de comportamentos seguros na Internet: um estudo de caso*. Acedido a 02 junho de 2014 em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7050/1/Challenges07-MJG-LV-PD.pdf>
- Ponte, J. (2000). *Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios?* Acedido a 05 de abril de 2014: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3993/1/00-Ponte%28TIC-rie24a03%29.pdf>
- Prensky, M. (2001). *Nativos Digitais, Imigrantes Digitais*. Acedido a 18 de maio de 2014, em: <http://barbarabrites.wikispaces.com/A+tecnologia+na+escola+contempor%C3%A2nea>
- Santos, P. e Manteigas, J. (2010). *Internet Segura para Crianças - Guia para Pais e Educadores*. Editora Lidel – Zamboni.
- Simões, L. e Gouveia, L. (2009). *Geração Net, Web 2.0 e Ensino Superior*. Acedido a 10 de maio de 2014: http://www2.ufp.pt/~lmbg/com/ls_cem6_09.pdf
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Vieira, M. (2005). *Educação e Sociedade de Informação: Uma perspetiva crítica sobre as TIC num contexto escolar*. Acedido a 20 de abril de 2014: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3276/1/Tese_Educacao_Sociedade_Informacao_AV.pdf.
- Whitby, P. (2012). *O seu filho está seguro online?* Amadora: Editora Vogais.